



CÓD: OP-086AB-24
7908403552290

ANAJÁS-PA

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANAJÁS - PARÁ

Comum- Alfabetizado: Auxiliar de Serviços Gerais, Auxiliar de Serviços Urbanos, Vigia

EDITAL Nº 001/2024 – PMA

Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de pequenos textos.....	5
2. Texto narrativo, informativo, descritivo, dissertativo, texto verbal e não verbal.....	5
3. Ortografia Oficial Vigente	6
4. Alfabeto maiúsculo e minúsculo.....	6
5. Sílabas (separação e classificação)	7
6. Significação das palavras: sinônimos e antônimos	8

Matemática

1. Identificação e operação com unidades de medidas de tempo (anos, mês, dia, hora, minuto e segundo), de massa e de comprimento comumente empregados.....	15
2. Noções de posição, forma e tamanho	17
3. Identificação de placas sinalizadoras	24
4. Resolução de situações problema envolvendo operações simples de adição, subtração, multiplicação e divisão de números naturais.....	28
5. Sistema Monetário Nacional, identificação e operações com cédulas e moedas.....	31
6. Raciocínio lógico, compatível com o nível alfabetizado	34

Conhecimentos Gerais

1. Conhecimentos referentes a questões políticas, econômicas, energéticas e sociais do Brasil e do mundo na atualidade.....	65
2. Os Meios de transporte e comunicação no Brasil e no mundo	65
3. O meio ambiente (principais problemas ambientais no Brasil e no mundo e desenvolvimento sustentável)	65
4. Política, economia, geografia, sociedade, cultura e história do Estado do Pará e do município de Anajás.....	66

- Carta
- Conto
- Crônica
- E-mail
- Lista
- Manual
- Notícia
- Poema
- Propaganda
- Receita culinária
- Resenha
- Seminário

Vale lembrar que é comum enquadrar os gêneros textuais em determinados tipos textuais. No entanto, nada impede que um texto literário seja feito com a estruturação de uma receita culinária, por exemplo. Então, fique atento quanto às características, à finalidade e à função social de cada texto analisado.

ORTOGRAFIA OFICIAL VIGENTE

A ortografia oficial diz respeito às regras gramaticais referentes à escrita correta das palavras. Para melhor entendê-las, é preciso analisar caso a caso. Lembre-se de que a melhor maneira de memorizar a ortografia correta de uma língua é por meio da leitura, que também faz aumentar o vocabulário do leitor.

Neste capítulo serão abordadas regras para dúvidas frequentes entre os falantes do português. No entanto, é importante ressaltar que existem inúmeras exceções para essas regras, portanto, fique atento!

Alfabeto

O primeiro passo para compreender a ortografia oficial é conhecer o alfabeto (os sinais gráficos e seus sons). No português, o alfabeto se constitui 26 letras, divididas entre **vogais** (a, e, i, o, u) e **consoantes** (restante das letras).

Com o Novo Acordo Ortográfico, as consoantes **K**, **W** e **Y** foram reintroduzidas ao alfabeto oficial da língua portuguesa, de modo que elas são usadas apenas em duas ocorrências: **transcrição de nomes próprios e abreviaturas e símbolos de uso internacional**.

Uso do “X”

Algumas dicas são relevantes para saber o momento de usar o X no lugar do CH:

- Depois das sílabas iniciais “me” e “en” (ex: mexerica; enxergar)
- Depois de ditongos (ex: caixa)
- Palavras de origem indígena ou africana (ex: abacaxi; orixá)

Uso do “S” ou “Z”

Algumas regras do uso do “S” com som de “Z” podem ser observadas:

- Depois de ditongos (ex: coisa)
- Em palavras derivadas cuja palavra primitiva já se usa o “S” (ex: casa > casinha)
- Nos sufixos “ês” e “esa”, ao indicarem nacionalidade, título ou origem. (ex: portuguesa)
- Nos sufixos formadores de adjetivos “ense”, “oso” e “osa” (ex: populoso)

Uso do “S”, “SS”, “Ç”

• “S” costuma aparecer entre uma vogal e uma consoante (ex: diversão)

• “SS” costuma aparecer entre duas vogais (ex: processo)

• “Ç” costuma aparecer em palavras estrangeiras que passaram pelo processo de aportuguesamento (ex: muçarela)

Os diferentes porquês

POR QUE	Usado para fazer perguntas. Pode ser substituído por “por qual motivo”
PORQUE	Usado em respostas e explicações. Pode ser substituído por “pois”
POR QUÊ	O “que” é acentuado quando aparece como a última palavra da frase, antes da pontuação final (interrogação, exclamação, ponto final)
PORQUÊ	É um substantivo, portanto costuma vir acompanhado de um artigo, numeral, adjetivo ou pronome

Parônimos e homônimos

As palavras **parônimas** são aquelas que possuem grafia e pronúncia semelhantes, porém com significados distintos.

Ex: *cumprimento* (saudação) X *comprimento* (extensão); *tráfego* (trânsito) X *tráfico* (comércio ilegal).

Já as palavras **homônimas** são aquelas que possuem a mesma grafia e pronúncia, porém têm significados diferentes. **Ex:** *rio* (verbo “rir”) X *rio* (curso d’água); *manga* (blusa) X *manga* (fruta).

ALFABETO MAIÚSCULO E MINÚSCULO

— Inicial Maiúscula

Utiliza-se inicial maiúscula nos seguintes casos:

1) No começo de um período, verso ou citação direta.

Disse o Padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, é estar no Paraíso.”

“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança...”

(Castro Alves)

2) Nos antropônimos, reais ou fictícios.

Exemplos: Pedro Silva, Cinderela, D. Quixote.

3) Nos topônimos, reais ou fictícios.

Exemplos: Rio de Janeiro, Rússia, Macondo.

4) Nos nomes mitológicos.

Exemplos: Dionísio, Netuno.

5) Nos nomes de festas e festividades.

Exemplos: Natal, Páscoa, Ramadã.

6) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais.

Exemplos: ONU, Sr., V. Ex.^ª.

7) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas.

Exemplos: Igreja (Católica, Apostólica, Romana), Estado, Nação, Pátria, União, etc.

Observação: esses nomes escrevem-se com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

Exemplo: Todos amam sua pátria.

Emprego Facultativo da Letra Maiúscula

1) No início dos versos que não abrem período, é facultativo o uso da letra maiúscula, como por exemplo:

“Aqui, sim, no meu cantinho,
vendo rir-me o candeeiro,
gozo o bem de estar sozinho
e esquecer o mundo inteiro.”

2) Nos nomes de logradouros públicos, templos e edifícios.

Exemplos: Rua da Liberdade ou rua da Liberdade / Igreja do Rosário ou igreja do Rosário / Edifício Azevedo ou edifício Azevedo.

— Inicial Minúscula

Utiliza-se inicial minúscula nos seguintes casos:

1) Em todos os vocábulos correntes da língua portuguesa.

Exemplos: carro, flor, boneca, menino, porta, etc.

2) Depois de dois-pontos, não se tratando de citação direta, usa-se letra minúscula.

Exemplo: “Chegam os magos do Oriente, com suas dádivas: ouro, incenso, mirra.” (Manuel Bandeira)

3) Nos nomes de meses, estações do ano e dias da semana.

Exemplos: janeiro, julho, dezembro, etc. / segunda, sexta, domingo, etc. / primavera, verão, outono, inverno.

4) Nos pontos cardeais.

Exemplos: “Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste.” / “Estes são os pontos colaterais: nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste.”

Observação: quando empregados em sua forma absoluta, os pontos cardeais são grafados com letra maiúscula.

Exemplos: Nordeste (região do Brasil) / Ocidente (europeu) / Oriente (asiático).

Emprego Facultativo da Letra Minúscula

1) Nos vocábulos que compõem uma citação bibliográfica.

Exemplos:

Crime e Castigo ou Crime e castigo

Grande Sertão: Veredas ou Grande sertão: veredas

Em Busca do Tempo Perdido ou Em busca do tempo perdido

2) Nas formas de tratamento e reverência, bem como em nomes sagrados e que designam crenças religiosas.

Exemplos:

Governador Mário Covas ou governador Mário Covas

Papa João Paulo II ou papa João Paulo II

Excelentíssimo Senhor Reitor ou excelentíssimo senhor reitor

Santa Maria ou santa Maria

c) Nos nomes que designam domínios de saber, cursos e disciplinas.

Exemplos:

Português ou português

Línguas e Literaturas Modernas ou línguas e literaturas modernas

História do Brasil ou história do Brasil

Arquitetura ou arquitetura

SÍLABAS (SEPARAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO)

Muitas pessoas acham que fonética e fonologia são sinônimos. Mas, embora as duas pertençam a uma mesma área de estudo, elas são diferentes.

Fonética

Segundo o dicionário Houaiss, *fonética* “é o estudo dos sons da fala de uma língua”. O que isso significa? A fonética é um ramo da Linguística que se dedica a analisar os sons de modo físico-articulator. Ou seja, ela se preocupa com o movimento dos lábios, a vibração das cordas vocais, a articulação e outros movimentos físicos, mas não tem interesse em saber do conteúdo daquilo que é falado. A fonética utiliza o Alfabeto Fonético Internacional para representar cada som.

Sintetizando: a fonética estuda o movimento físico (da boca, lábios...) que cada som faz, desconsiderando o significado desses sons.

Fonologia

A fonologia também é um ramo de estudo da Linguística, mas ela se preocupa em analisar a organização e a classificação dos sons, separando-os em unidades significativas. É responsabilidade da fonologia, também, cuidar de aspectos relativos à divisão silábica, à acentuação de palavras, à ortografia e à pronúncia.

Sintetizando: a fonologia estuda os sons, preocupando-se com o significado de cada um e não só com sua estrutura física.

Bom, agora que sabemos que fonética e fonologia são coisas diferentes, precisamos de entender o que é fonema e letra.

Fonema: os fonemas são as menores unidades sonoras da fala. Atenção: estamos falando de menores unidades de som, não de sílabas. Observe a diferença: na palavra pato a primeira sílaba é pa-. Porém, o primeiro som é pê (P) e o segundo som é a (A).

Letra: as letras são as menores unidades gráfica de uma palavra.

Sintetizando: na palavra pato, pa- é a primeira sílaba; pê é o primeiro som; e P é a primeira letra.

Agora que já sabemos todas essas diferenciações, vamos entender melhor o que é e como se compõe uma sílaba.

Sílaba: A sílaba é um fonema ou conjunto de fonemas que emitido em um só impulso de voz e que tem como base uma vogal.

A sílabas são classificadas de dois modos:

Classificação quanto ao número de sílabas:

As palavras podem ser:

- Monossílabas: as que têm uma só sílaba (pé, pá, mão, boi, luz, é...)
- Dissílabas: as que têm duas sílabas (café, leite, noites, caí, bota, água...)
- Trissílabas: as que têm três sílabas (caneta, cabeça, saúde, circuito, boneca...)
- Polissílabas: as que têm quatro ou mais sílabas (casamento, jesuíta, irresponsabilidade, paralelepípedo...)

Classificação quanto à tonicidade

As palavras podem ser:

- **Oxítonas:** quando a sílaba tônica é a última (ca-fé, ma-ra-cu-já, ra-paz, u-ru-bu...)
- **Paroxítonas:** quando a sílaba tônica é a penúltima (me-sa, sa-bo-ne-te, ré-gua...)
- **Proparoxítonas:** quando a sílaba tônica é a antepenúltima (sá-ba-do, tô-ni-ca, his-tó-ri-co...)

Lembre-se que:

Tônica: a sílaba mais forte da palavra, que tem autonomia fonética.

Átona: a sílaba mais fraca da palavra, que não tem autonomia fonética.

Na palavra *telefone*: te-, le-, ne- são sílabas átonas, pois são mais fracas, enquanto que fo- é a sílaba tônica, já que é a pronunciada com mais força.

Agora que já sabemos essas classificações básicas, precisamos entender melhor como se dá a divisão silábica das palavras.

Divisão silábica

A divisão silábica é feita pela silabação das palavras, ou seja, pela pronúncia. Sempre que for escrever, use o hífen para separar uma sílaba da outra. Algumas regras devem ser seguidas neste processo:

Não se separa:

- **Ditongo:** encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba (cau-le, gai-o-la, ba-lei-a...)
- **Tritongo:** encontro de uma semivogal, uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba (Pa-ra-guai, quais-quer, a-ve-ri-guou...)
- **Dígrafo:** quando duas letras emitem um único som na palavra. Não separamos os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu (fa-cha-da, co-lhei-ta, fro-nha, pe-guei...)
- **Encontros consonantais inseparáveis:** re-cla-mar, psi-có-lo-go, pa-trão...)

Deve-se separar:

- **Hiatos:** vogais que se encontram, mas estão é sílabas vizinhas (sa-ú-de, Sa-a-ra, ví-a-mos...)
- Os **dígrafos** rr, ss, sc, e xc (car-ro, pás-sa-ro, pis-ci-na, ex-ce-ção...)
- **Encontros consonantais separáveis:** in-fec-ção, mag-nó-lia, rit-mo...)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS: SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS

Este é um estudo da **semântica**, que pretende classificar os sentidos das palavras, as suas relações de sentido entre si. Conheça as principais relações e suas características:

Sinonímia e antonímia

As palavras **sinônimas** são aquelas que apresentam significado semelhante, estabelecendo relação de proximidade. **Ex:** *inteligente* <—> *esperto*

Já as palavras **antônimas** são aquelas que apresentam significados opostos, estabelecendo uma relação de contrariedade. **Ex:** *forte* <—> *fraco*

Parônimos e homônimos

As palavras **parônimas** são aquelas que possuem grafia e pronúncia semelhantes, porém com significados distintos.

Ex: *cumprimento* (saudação) X *comprimento* (extensão); *tráfego* (trânsito) X *tráfico* (comércio ilegal).

As palavras **homônimas** são aquelas que possuem a mesma grafia e pronúncia, porém têm significados diferentes. **Ex:** *rio* (verbo “rir”) X *rio* (curso d’água); *manga* (blusa) X *manga* (fruta).

As palavras **homófonas** são aquelas que possuem a mesma pronúncia, mas com escrita e significado diferentes. **Ex:** *cem* (numeral) X *sem* (falta); *conserto* (arrumar) X *concerto* (musical).

As palavras **homógrafas** são aquelas que possuem escrita igual, porém som e significado diferentes. **Ex:** *colher* (talher) X *colher* (verbo); *acerto* (substantivo) X *acerto* (verbo).

Polissemia e monossema

As palavras **polissêmicas** são aquelas que podem apresentar mais de um significado, a depender do contexto em que ocorre a frase. **Ex:** *cabeça* (parte do corpo humano; líder de um grupo).

Já as palavras **monossêmicas** são aquelas apresentam apenas um significado. **Ex:** *eneágono* (polígono de nove ângulos).

Denotação e conotação

Palavras com **sentido denotativo** são aquelas que apresentam um sentido objetivo e literal. **Ex:** *Está fazendo frio.* / *Pé da mulher.*

Palavras com **sentido conotativo** são aquelas que apresentam um sentido simbólico, figurado. **Ex:** *Você me olha com frieza.* / *Pé da cadeira.*

Hiperonímia e hiponímia

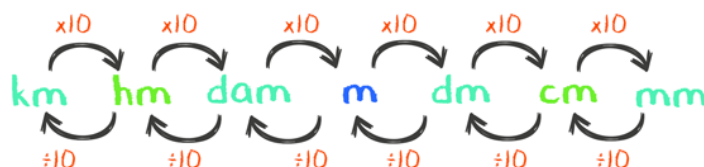
Esta classificação diz respeito às relações hierárquicas de significado entre as palavras.

Desse modo, um **hiperônimo** é a palavra superior, isto é, que tem um sentido mais abrangente. **Ex:** *Fruta é hiperônimo de limão.*

Já o **hipônimo** é a palavra que tem o sentido mais restrito, portanto, inferior, de modo que o hiperônimo engloba o hipônimo. **Ex:** *Limão é hipônimo de fruta.*

MÚLTIPLOS			UNIDADE FUNDAMENTAL	SUBMÚLTIPLOS		
Quilômetro	Hectômetro	Decâmetro	Metro	Decímetro	Centímetro	Milímetro
km	hm	Dam	m	dm	cm	mm
1000m	100m	10m	1m	0,1m	0,01m	0,001m

Para transformar basta seguir a tabela seguinte (esta transformação vale para todas as medidas):



Medidas de superfície e área

As unidades de área do sistema métrico correspondem às unidades de comprimento da tabela anterior.

São elas: quilômetro quadrado (km²), hectômetro quadrado (hm²), etc. As mais usadas, na prática, são o quilômetro quadrado, o metro quadrado e o hectômetro quadrado, este muito importante nas atividades rurais com o nome de hectare (ha): 1 hm² = 1 ha.

No caso das unidades de área, o padrão muda: uma unidade é 100 vezes a menor seguinte e não 10 vezes, como nos comprimentos. Entretanto, consideramos que o sistema continua decimal, porque 100 = 10². A nomenclatura é a mesma das unidades de comprimento acrescidas de quadrado.

Vejamos as relações entre algumas dessas unidades que não fazem parte do sistema métrico e as do sistema métrico decimal (valores aproximados):

- 1 polegada = 25 milímetros
- 1 milha = 1 609 metros
- 1 légua = 5 555 metros
- 1 pé = 30 centímetros

Medidas de Volume e Capacidade

Na prática, são muito usados o metro cúbico(m³) e o centímetro cúbico(cm³).

Nas unidades de volume, há um novo padrão: cada unidade vale 1000 vezes a unidade menor seguinte. Como 1000 = 10³, o sistema continua sendo decimal. Acrescentamos a nomenclatura cúbico.

A noção de capacidade relaciona-se com a de volume. A unidade fundamental para medir capacidade é o litro (l); 1l equivale a 1 dm³.

Medidas de Massa

O sistema métrico decimal inclui ainda unidades de medidas de massa. A unidade fundamental é o grama(g). Assim as denominamos: Kg – Quilograma; hg – hectograma; dag – decagrama; g – grama; dg – decigrama; cg – centigrama; mg – miligrama

Dessas unidades, só têm uso prático o quilograma, o grama e o miligrama. No dia-a-dia, usa-se ainda a tonelada (t). Medidas Especiais:

- 1 Tonelada(t) = 1000 Kg
- 1 Arroba = 15 Kg
- 1 Quilate = 0,2 g

Em resumo temos:

Medida de	Grandeza	Fator	Múltiplos			Unidade	Submúltiplos		
Capacidade	Litro	10	kl	hl	dal	l	dl	cl	ml
Volume	Metro Cúbico	1000	km ³	hm ³	dam ³	m ³	dm ³	cm ³	mm ³
Área	Metro Quadrado	100	km ²	hm ²	dam ²	m ²	dm ²	cm ²	mm ²
Comprimento	Metro	10	km	hm	dam	m	dm	cm	mm
Massa	Grama	10	kg	hg	dag	g	dg	cg	mg
			↔	↔	↔	↔	↔	↔	↔

Relações importantes



$1 \text{ kg} = 1 \text{ l} = 1 \text{ dm}^3$
 $1 \text{ hm}^2 = 1 \text{ ha} = 10.000\text{m}^2$
 $1 \text{ m}^3 = 1000 \text{ l}$

Exemplos:

(CLIN/RJ - GARI E OPERADOR DE ROÇADEIRA - COSEAC) Uma peça de um determinado tecido tem 30 metros, e para se confeccionar uma camisa desse tecido são necessários 15 decímetros. Com duas peças desse tecido é possível serem confeccionadas:

- (A) 10 camisas
- (B) 20 camisas
- (C) 40 camisas
- (D) 80 camisas

Resolução:

Como eu quero 2 peças desse tecido e 1 peça possui 30 metros logo:

$30 \cdot 2 = 60 \text{ m}$. Temos que trabalhar com todas na mesma unidade: $1 \text{ m} \text{ é } 10\text{dm}$ assim temos $60\text{m} \cdot 10 = 600 \text{ dm}$, como cada camisa gasta um total de 15 dm , temos então:

$600/15 = 40$ camisas.

Resposta: C

(CLIN/RJ - GARI E OPERADOR DE ROÇADEIRA - COSEAC) Um veículo tem capacidade para transportar duas toneladas de carga. Se a carga a ser transportada é de caixas que pesam 4 quilogramas cada uma, o veículo tem capacidade de transportar no máximo:

- (A) 50 caixas
- (B) 100 caixas
- (C) 500 caixas
- (D) 1000 caixas

Resolução:

Uma tonelada(ton) é 1000 kg , logo $2 \text{ ton} \cdot 1000\text{kg} = 2000 \text{ kg}$

Cada caixa pesa 4kg

$2000 \text{ kg} / 4\text{kg} = 500$ caixas.

Resposta: C

NOÇÕES DE POSIÇÃO, FORMA E TAMANHO

— Geometria de posição

Ponto, reta e plano constituem os pilares básicos da Geometria. Dentro da Geometria de Posição, os postulados são organizados em quatro categorias essenciais:

É importante destacar que um postulado é uma afirmação assumida como verdadeira sem necessidade de comprovação, enquanto um teorema é uma proposição que necessita ser demonstrada a partir de postulados e teoremas já aceitos.

Postulados de Existência

- a) O espaço é composto por infinitos pontos, retas e planos - conhecido como o postulado fundamental da geometria de posição.
- b) Em qualquer reta, existem infinitos pontos, tanto pertencentes quanto não pertencentes.
- c) Em qualquer plano, existem infinitos pontos e retas, tanto no plano quanto fora dele.
- d) Entre quaisquer dois pontos distintos, sempre é possível encontrar outro ponto.

Postulados de Determinação

- a) Dois pontos distintos sempre definem uma reta única - é que os pontos sejam "distintos").
- b) Três pontos não alinhados (não colineares) definem um plano único. Como consequência deste postulado, temos também:
 - b.1) Uma reta e um ponto não pertencente a ela definem um plano único.
 - b.2) Duas retas paralelas distintas definem um plano único.
 - b.3) Duas retas que se interceptam definem um plano único.

Postulado da Inclusão

Se dois pontos distintos de uma reta estão em um plano, então a reta inteira está contida nesse plano.

Postulados da Divisão

- a) Um ponto divide uma reta em duas semirretas opostas.
- b) Uma reta divide um plano em dois semiplanos distintos.
- c) Um plano divide o espaço em dois semiespaços distintos.

Estudo das Posições Relativas

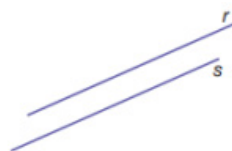
Prosseguiremos com a análise das posições relativas entre dois elementos: duas retas; dois planos; e uma reta e um plano.

1) Posições relativas entre duas retas:

$$\text{Coplanares (mesmo plano) : } \begin{cases} \text{paralelas} & \begin{cases} \text{distintas} \\ \text{coincidentes} \end{cases} \\ \text{concorrentes} \end{cases}$$

Coplanares (no mesmo plano):

- Paralelas distintas: não possuem pontos em comum.
- Paralelas coincidentes: compartilham todos os seus pontos, sendo, na prática, a mesma reta sobreposta.

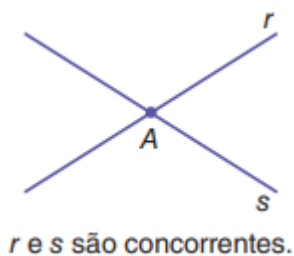


r e s são retas paralelas distintas (r/s e $r \neq s$).



r e s são retas paralelas coincidentes (r/s e $r = s$).

– Concorrentes: se cruzam em algum ponto.



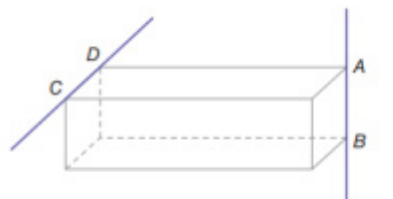
Não coplanares:

– Reversas

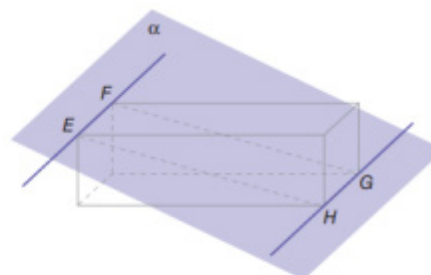
Observação: duas retas são consideradas perpendiculares quando formam um ângulo de 90 graus entre si.

a) Retas não coplanares: localizam-se em planos distintos. Essas incluem:

– Retas Reversas: são definidas como retas que não pertencem ao mesmo plano, o que significa que não têm pontos em comum.



As retas \overline{AB} e \overline{CD} são reversas, pois não existe um plano que contenha ambas ao mesmo tempo.



As retas \overline{EF} e \overline{GH} não são reversas, pois existe um plano α que as contém: é o plano que contém o retângulo $EFGH$.

Observação: duas retas reversas que formam um ângulo reto entre si são denominadas ortogonais.

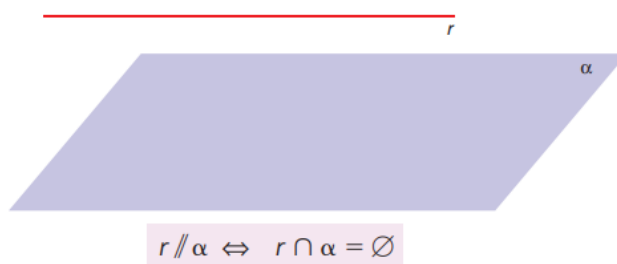
Nota-se que tanto retas paralelas distintas quanto retas reversas não possuem pontos de interseção. Contudo, essa característica por si só não é o bastante para distingui-las, embora seja uma condição necessária. A diferenciação entre elas é feita através de dois critérios:

b) Retas paralelas distintas são aquelas que não têm pontos em comum e encontram-se no mesmo plano (são coplanares).

c) Retas reversas, igualmente, não têm pontos em comum, mas diferem por não se situarem no mesmo plano (são não coplanares).

II) Posições relativas entre uma reta e um plano.

a) Reta paralela ao plano: a reta não intersecta o plano em nenhum ponto, ou seja, a interseção entre a reta e o plano é um conjunto vazio.



Observação: uma reta paralela a um plano está, por definição, paralela a inúmeras retas contidas nesse plano, mas não necessariamente a todas elas.

b) Reta contida no plano: possui todos os seus pontos em comum com o plano, alinhando-se ao postulado da Inclusão. Deste modo, a interseção da reta com o plano é a reta em si.

No Brasil, o desmatamento da Amazônia é uma das maiores preocupações ambientais, causando destruição de ecossistemas, perda de biodiversidade e contribuindo para as mudanças climáticas. A poluição da água e do ar também são problemas graves, afetando a saúde da população e o meio ambiente.

No mundo, o aquecimento global é um dos maiores desafios ambientais, causado principalmente pela emissão de gases de efeito estufa provenientes da queima de combustíveis fósseis. O aumento das temperaturas globais está provocando alterações climáticas, como eventos climáticos extremos, derretimento de geleiras e elevação do nível do mar.

Para enfrentar esses problemas e garantir a preservação do meio ambiente para as gerações futuras, é fundamental adotar práticas de desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento sustentável busca conciliar o crescimento econômico com a proteção ambiental e a promoção da justiça social. Isso envolve a adoção de políticas públicas ambientais, o uso de tecnologias limpas e renováveis, a redução do consumo de recursos naturais e a conscientização da população sobre a importância da preservação ambiental.

É essencial que governos, empresas e sociedade em geral atuem de forma conjunta para enfrentar os problemas ambientais e promover um desenvolvimento sustentável, garantindo um futuro melhor para todos.

POLÍTICA, ECONOMIA, GEOGRAFIA, SOCIEDADE, CULTURA E HISTÓRIA DO ESTADO DO PARÁ E DO MUNICÍPIO DE ANAJÁS

História do Estado do Pará

A região do vale amazônico, pelo Tratado de Tordesilhas (1494), era de posse da Coroa espanhola. Assim sendo, a foz do rio Amazonas foi descoberta por Vicente Yáñez Pinzón, um navegador espanhol que a alcançou em fevereiro de 1500. Seu primo, Diego de Lepe, também alcançou a foz do rio Amazonas, em abril do mesmo ano. Os portugueses, com a finalidade de consolidar a região como território português, fundaram o Forte do Presépio, na então chamada Santa Maria de Belém do Grão-Pará. A construção foi a primeira do modelo na Amazônia, e também a mais significativa no território amazônico até 1660. Apesar da construção do Forte, a ocupação do território foi desde cedo marcada por incursões de Neerlandeses e Ingleses em busca de especiarias¹.

Daí a necessidade dos portugueses de fortificar a área.

Em 1541, Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana, também espanhóis, partiram de Quito, no atual Equador, e atravessaram a cordilheira dos Andes, explorando o curso do rio até o Oceano Atlântico, onde atualmente encontra-se Belém. A viagem durou de 1540 a 1542 e seus relatos foram concebidos pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal. Ainda no século XVI, os espanhóis realizaram outra expedição similar à de Orellana. Pedro de Ursua também navegou o Amazonas, partindo do Peru, em busca do lendário Eldorado (1559-1561). O navegador foi assassinado durante a viagem, e a expedição passou a ser comandada por Lopo de Aguirre, que chegou ao oceano em 1561. Como resultado dessa jornada, a colonização espanhola na região acabou sendo adiada, pois os espanhóis mostraram-se cientes das dificuldades de conquistar tão vasto espaço.

¹ Governo do Pará. História. <https://www.pa.gov.br/pagina/55/historia#conteudo>.

No século XVII, a região, integrada à capitania do Maranhão, conheceu a prosperidade com a lavoura e a pecuária. No ano de 1616 é criada a Capitania do Grão-Pará, pertencente ao Estado Colonial Português do Maranhão. Em 1751, com a expansão para o oeste, cria-se o Estado Colonial Português do Grão-Pará, que além da Capitania do Grão-Pará abrigará também a Capitania de São José do Rio Negro (hoje o estado do Amazonas).

Em 1821, a Revolução Constitucionalista do Porto (Portugal) foi apoiada pelos paraenses, mas o levante acabou reprimido. Em 1823, o Pará decidiu unir-se ao Brasil independente, do qual estivera separado no período colonial, reportando-se diretamente a Lisboa. No entanto, as lutas políticas continuaram. A mais importante delas, a Cabanagem (1835), chegou a decretar a independência da província do Pará. Este foi, juntamente com a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, o único levante do período regencial onde o poder foi tomado, sendo que a Cabanagem foi a única revolta liderada pelas camadas populares.

A economia cresceu rapidamente no século XIX e início do século XX com a exploração da borracha, pela extração do látex, época esta que ficou conhecida como Belle Époque, marcada pelos traços artísticos da Art Nouveau. Nesse período a Amazônia experimentou dois ciclos econômicos distintos com a exploração da mesma borracha.

Estes dois ciclos (principalmente o primeiro) deram não só a Belém, mas também a Manaus (Amazonas), um momento áureo no que diz respeito à urbanização e embelezamento destas cidades. A construção do Teatro da Paz (Belém) e do Teatro Amazonas (Manaus) são exemplos da riqueza que esse período marcou na história da Amazônia.

O então intendente Antônio Lemos foi o principal personagem da transformação urbanística que Belém sofreu, onde chegou a ser conhecida como Paris n'América (como referência à influência da urbanização que Paris sofrera na época, que serviu de inspiração para Antônio Lemos). Nesse período, por exemplo, o centro da cidade foi intensamente arborizado por mangueiras trazidas da Índia. Daí o apelido que até hoje estas árvores (já centenárias) dão à capital paraense.

Com o declínio dos dois ciclos da borracha, veio uma angustiante estagnação, da qual o Pará só saiu na década de 1960, com o desenvolvimento de atividades agrícolas no sul do Estado. A partir da década de 1960, mas principalmente na década de 1970, o crescimento foi acelerando com a exploração de minérios (principalmente na região sudeste do estado), como o ferro na Serra dos Carajás e do ouro em Serra Pelada.

Adesão do Pará à Independência do Brasil²

Em 1823, o Pará era a única província que não fazia parte do país e as ameaças eram fortes para mudar essa situação.

“O Brasil se torna independente no dia 7 de setembro e a Província do Grão Pará não aceita fazer parte do Brasil, fiel a Portugal. Um ano depois, nós vamos aceitar, nós vamos aderir ao Brasil. Porém, essa adesão não foi tão simples. Dom Pedro I, Imperador do Brasil, envia para o Pará um comandante de fragata inglês, John Grenfill, que havia sido contratado para formar a nossa Marinha. E ele veio com a missão de incorporar o Pará ao Brasil, custe o que custar. Chegou aqui e fez isso de maneira dramática”, conta o historiador Jean Ribeiro.

² G1 PA. Feriado Lembra a adesão do Pará à Independência do Brasil. G1 Pará. <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/feriado-lembra-a-adesao-do-para-a-independencia-do-brasil.ghtml>.

Na época, a sede da colônia portuguesa era no Palácio Lauro Sodré, no bairro da Cidade Velha. Foi no local que, no dia 15 de agosto de 1823, o documento de adesão do Pará foi assinado.

Segundo historiadores, parte da população paraense se revoltou. Três meses depois da assinatura do documento, houve uma manifestação onde atualmente é a Praça Frei Caetano Brandão. O que eles queriam eram direitos iguais aos dos portugueses que viviam no Pará.

O cônego Batista Campos era um dos líderes desse movimento e conseguiu escapar da morte. Mas, um grupo de paraenses não teve a mesma sorte do cônego.

A Baía do Guajará foi palco de um massacre: 256 manifestantes foram colocados dentro do porão de um navio e morreram asfixiados. A embarcação ficou conhecida como Brigue Palhaço.

“O nome do navio é Brigue São José Diligente, em função do que aconteceu, da forma como eles foram mortos, em função inclusive da utilização de cal na morte dos homens, isso ganhou notoriedade e entrou para os anais da história dessa forma. A fisionomia dos paraenses que estavam mortos ali no porão, asfixiados, com os lábios e os olhos arroxeados e o rosto esbranquiçado lembravam palhaços”, detalha Jean.

“As camadas populares tinham uma expectativa de que a independência representasse mudanças radicais, de fato, na estrutura econômica, política e social do Brasil. Só que a independência, vamos tomar o exemplo do Pará: a adesão manteve o mesmo grupo que estava no poder antes, constituindo a maioria de portugueses, então os portugueses continuavam no poder. A escravidão foi mantida, não só no Pará, mas no Brasil inteiro. E essa frustração se tornou ressentimento que foi sendo remoído”, explica o historiador José Alves de Sousa Junior.

Situado no centro leste da região Norte do Brasil, o Estado do Pará é o segundo do País em superfície (o maior é o Estado do Amazonas), com uma **área** de 1.247.955,238 (km²), em 2016, o que representa mais de duas vezes o território da França.

Limita-se ao norte com o Suriname e o Estado do Amapá; a nordeste com o Oceano Atlântico; a leste com os Estados do Maranhão e Tocantins; ao sul com o Estado de Mato Grosso; e a noroeste com a Guiana e o Estado de Roraima.

Sua capital é Belém.

Possui 144 municípios.

O **relevo** do Estado apresenta três aspectos distintos que incluem:

O **Planalto Norte-Amazônico**, formado quase integralmente por terrenos cristalinos, representando uma das parcelas do Planalto das Guianas, onde se encontram as serras de Acari e Tumucumaque (cerca de 850 metros de altitude);

A **Planície Amazônica**, faixa sedimentar estreita e alongada no sentido sudoeste-nordeste, através da qual corre o rio Amazonas;

O **Planalto Sul-Amazônico**, que se constitui parcela do Planalto Central brasileiro, elevando-se em direção ao sul, onde se encontra a serra dos Carajás.

A **origem do nome** Pará vem do termo *Pa'ra*, que significa rio-mar na língua indígena tupi-guarani. Era como os índios denominavam o braço direito do rio Amazonas, engrossado com as águas do rio Tocantins, que o torna tão vasto ao ponto de não se poder ver a outra margem, mais parecendo um mar do que um rio.

Ao chegarem à região, os portugueses deram primeiramente o nome à terra de Feliz Luzitânia, que foi depois substituído pelo de Grão-Pará (grande rio), para finalmente, se tornar apenas Pará.

Além de ser o principal rio do Estado, o **Amazonas** é também a grande via hidroviária regional. Entre seus principais afluentes no Estado do Pará destacam-se os rios Tapajós, Xingu e Tocantins, na margem direita; e os rios Trombetas, Maicuru, Paru e Jari, na margem esquerda. Próximo à foz do Amazonas encontra-se o rio Pará, e nos limites com o Estado do Maranhão corre o rio Gurupi.

A **bacia hidrográfica** do Estado do Pará abrange área de 1.253.164,5 km², sendo 1.049.903,5 km² pertencentes à bacia Amazônica e 169.003,5 km² pertencentes à bacia do Tocantins. Encontra-se ainda no rio Tocantins a usina hidrelétrica de Tucuruí, com área inundada de 2 430 km² e capacidade de geração de energia de 7745 MW.

O **clima** do Estado do Pará é tipicamente equatorial, com médias térmicas anuais entre 24 e 26°C, além de alto índice pluviométrico, que chega a alcançar 2.000 mm nas proximidades do rio Amazonas.

A quase totalidade de sua área encontra-se na **Floresta Amazônica**, exceto nas partes onde existem formações de campos – região do baixo rio Trombetas e Arquipélago do Marajó.

De acordo com o IBGE, a **população** estimada do Estado do Pará totalizou em 2020, o número de 8.690.745 habitantes (estimativa)³, sendo que em 2010, esse número era de 7.581.051 (oficial).

Assim, a **densidade demográfica** em 2010, foi de 6,07(hab/km²).

Os povos e a **diversidade** caminham de mãos dadas desde o início da formação do que hoje é conhecido como o Estado do Pará. Entre seus habitantes estão: indígenas, negros, brancos, ribeirinhos e asiáticos. Espalhados pelo campo (34%) e cidades (66%), aproximadamente.

Na sua formação, o Pará teve um elevado número de imigrantes portugueses, espanhóis, italianos e japoneses. Além das muitas influências africanas e, claro, indígenas. Tanto que no Estado há cerca de 31 etnias indígenas espalhadas em 298 povoações, totalizando mais de 27 mil índios, de acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Os desbravadores lusitanos foram seguidos pelos espanhóis, que chegaram à capital quase exclusivamente por questões políticas, graças às disputas ultramarinas dos dois países da Península Ibérica.

Já nos últimos séculos vieram os italianos e japoneses. Estes últimos estabeleceram-se no interior agrário, fixando-se em municípios como Tomé-Açu. Além desses, o Estado também recebeu libaneses e franceses.

Em 2016, o Rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente em reais, era de R\$ 708,00.

A composição da **economia** do Estado do Pará é diversificada, baseando-se no extrativismo mineral (ferro, bauxita, manganês, cálcio, ouro, estanho) e vegetal (madeira), na agricultura, na pecuária, na indústria e no turismo.

Entre os produtos cuja produção mais se destaca encontram-se a laranja, a cana-de-açúcar, o milho, a pimenta-do-reino, o arroz, a mandioca, o cacau, o feijão, frutas silvestres, palmito e coco dendê.

³ <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/>.

Na pecuária predomina a criação de galináceos, seguidos pelos bovinos, suínos, equinos e ainda os bubalinos. A atividade pecuária está mais presente no sudeste; já a agricultura é mais intensa no nordeste.

A mineração é atividade preponderante na região sudeste do Estado, sendo Parauapebas a principal cidade produtora. Nesta área destacam-se o ferro, a bauxita, o manganês, o calcário, o ouro e o estanho. Predominam no Estado do Pará as indústrias alimentícia, madeireira e de mineração.

O Pará é o maior produtor de pimenta-do-reino do Brasil e está entre os primeiros na produção de coco da Bahia e banana. São Félix do Xingu é o município com maior produção de banana do País.

A indústria concentra-se mais na região metropolitana de Belém, encabeçada pelos distritos industriais de Icoaraci e Ananindeua, e nos municípios de Marabá e Barcarena.

Pela característica natural da região, destaca-se também como forte ramo da economia a indústria madeireira.

Meio Ambiente

O Pará abriga uma incalculável variedade de fauna e flora, e detém um potencial científico e econômico sem paralelo.

Localizado na Amazônia oriental, o Estado está situado no maior corredor de florestas protegidas do mundo, com mais de 717 mil km² (cerca de 71 milhões de hectares) divididos em áreas de proteção integral, de uso sustentável e terras indígenas, de acordo com dados da Secretaria de Estado de Meio Ambiente.

Ao todo, as reservas contabilizam mais de 57% do território do Estado. Aliás, muitas espécies, animais e vegetais, que vivem nessas áreas sequer são conhecidas pela Ciência.

As reservas foram criadas para conservar a riqueza genética da floresta tropical, importantes fontes de renda para as populações carentes amazônicas.

Cobertura Vegetal

Entrar no mundo exuberante, mas ao mesmo tempo cheio de mistérios e surpresas da vegetação do Pará é começar uma aventura por uma parte considerável da Floresta Amazônica, um verdadeiro santuário para botânicos, ecologistas e outros estudiosos da natureza. Quem embarca nessa viagem vai deparar-se com uma cobertura vegetal diversificada, que inclui desde as florestas equatoriais e cerrados, até os campos, que reinam na monumental ilha do Marajó. Não podemos falar da cobertura vegetal paraense sem mencionarmos, primeiramente, a Floresta Amazônica, considerada a “mais rica floresta pluvial equatorial do mundo”, tanto em extensão como em variedade de espécies vegetais e animais⁴.

A expressão “Inferno verde” foi cunhada por Alberto Rangel, fascinado pelas características da vegetação. Abrangendo cerca de milhões de km², dos quais 60% estão em território brasileiro, a Floresta Amazônica apresenta, floristicamente, uma variedade superior à existentes nos continentes asiático e africano, que pode chegar a 800 mil plantas, incluindo todos os grupos já catalogados. No entanto, apesar de toda essa diversidade, apenas no estuário do Rio Amazonas, no Estado do Pará, são encontradas duas espécies dominantes na vegetação local: as palmeiras do buriti (*Mauritia flexuosa*) e do açaí (*Euterpe oleracea*), conforme ressalta o pesquisador William Rodrigues na publicação “Amazônia, Fauna e Flora”. Toda riqueza da vegetação amazônica, na parte pertencente ao Estado do Pará, está distribuída nas matas fechadas e campos alagados. Os

⁴ Governo do Estado do Pará. Plano Estadual de Saúde do Pará. <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/37/PES-2012-2015.pdf>.

quatro tipos de florestas existentes no território paraense, são a Ombrófila Densa, Ombrófila Aberta, Estacional Decidual e Estacional Semidecidual.

Queimadas

Nos últimos 20 anos o Pará vem sofrendo um acelerado processo de devastação de sua vegetação nativa, em função da derrubada de matas e das queimadas. Usadas geralmente para retirar a cobertura vegetal de grandes áreas, destinadas às atividades agrícolas ou pecuárias, as queimadas tornaram-se um pesadelo em determinadas áreas do Estado. A queima e a derrubada indiscriminada de árvores deixam a região sensível a mudanças no clima. Sem a proteção da mata, podem ocorrer também incêndios espontâneos. Mas os perigos não param por aí. A fumaça decorrente das queimadas lança na atmosfera gases, partículas de materiais e grande quantidade de gás carbônico. Esses elementos, associados aos gases naturais produzidos pela floresta, afetam até a camada de ozônio, causando ainda inúmeras doenças respiratórias no homem. Nem mesmo os animais conseguem escapar da destruição ambiental causada pelo fogo, que ameaça de extinção várias espécies vegetais responsáveis pela manutenção de insetos polinizadores (que espalham o pólen das plantas pela floresta).

Outra consequência desastrosa das queimadas verifica-se na fertilidade dos solos. Após a queima da mata, o solo fica com uma camada superficial rica em nutrientes, mas que em pouco tempo desaparece, levada pelas águas das chuvas, no processo chamado lixiviação. Com a repetição das queimadas, o solo perde todas as suas propriedades naturais, tornando-se imprestável para a agricultura e abrindo caminho para o avanço da erosão. No Pará, as áreas mais atingidas pelas queimadas e pela derrubada de árvores

são o Sul e o Sudeste, onde se concentram grandes projetos madeireiros e agropastoris, e a ilha do Marajó, onde a produção de palmito é a principal causa da destruição dos açaizeiros.

Fauna e Flora

O ecossistema do Pará apresenta a biodiversidade característica da região amazônica, onde já foram catalogados mais de duas mil espécies de peixes, cerca de 950 espécies de pássaros, 300 espécies de mamíferos e cerca de 10% de todas as espécies de plantas existentes na Terra. No território paraense, essa variedade de espécies animais e vegetais é imensa, devido principalmente às condições climáticas (localização na zona equatorial) e ao tamanho da área coberta por florestas. Entre as árvores consideradas como madeira nobre, por isso mesmo derrubadas muitas vezes de forma indiscriminada, estão o Angelim, o Cedro e o Mogno. No setor extrativo, as espécies mais procuradas são a seringueira e a Castanheira-do-Pará. A flora também apresenta espécies exóticas, como a vitória-régia e dezenas de espécies de bromélias.

Nas últimas décadas, a preocupação com o futuro do ecossistema amazônico – aí incluído o paraense – vem sendo manifestada dentro e fora do Brasil, por instituições governamentais e não governamentais. Vários fatores contribuem para a destruição da flora e o processo acelerado de extinção de animais em território paraense. Entre esses fatores, destacam-se a exploração seletiva de madeira (que acaba com reservas naturais de madeiras nobres), a agropecuária extensiva (responsável pela derrubada da mata para transformação em pasto), a construção de usinas hidrelétricas (que altera o ecossistema dos rios e áreas próximas), a caça indiscriminada visando a retirada do couro para comercialização, a pesca pre-